

## CRIME ORGANIZADO

## Executado em pleno aeroporto

Empresário que colaborava com investigações policiais morre a tiros de fuzil no terminal de Guarulhos, em São Paulo

» ROSANA HESSEL

A sexta-feira foi apavorante para os passageiros do Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos (SP). A execução de um homem a tiros em um dos acessos do terminal aéreo deixou o público em pânico e explicitou a ousadia do crime organizado no maior aeródromo do país.

Às 16h04, o empresário do ramo imobiliário Antônio Vinícius Lopes Gritzbach, 38 anos, caminhava na área de desembarque do Terminal 2 do Aeroporto de Guarulhos. Em segundos, dois homens encapuzados desceram de um carro e deram vários tiros de fuzil contra o alvo. Antônio Gritzbach morreu na hora. A namorada dele conseguiu fugir.

Segundo informaram as autoridades policiais, o crime se trata de uma queima de arquivo. Antônio Gritzbach estava colaborando nas investigações sobre as atividades do Primeiro Comando da Capital (PCC).

Há uma suspeita de que o atentado foi motivado por vingança pela facção criminosa. Gritzbach é réu em um processo de lavagem de dinheiro e estava ajudando as autoridades, por meio de um acordo de delação premiada.

A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP) informou, por meio de nota, que a Divisão de Homicídios e Proteção à

AFP



Terminal 2 do Aeroporto de Guarulhos, onde Antônio Gritzbach foi assassinado: crime chocante no local por onde passam 123 mil viajantes por dia

Pessoa (DHPP) investiga as circunstâncias do homicídio. “Na ação, outras três pessoas ficaram feridas. Duas delas foram socorridas ao Hospital Geral de Guarulhos e a terceira atendida e ouvida no local. Outras testemunhas também estão sendo ouvidas pela Polícia Civil”, afirmou.

Segundo a SSP-SP, um carro, supostamente usado pelos atiradores, foi apreendido pela Polícia Militar.

## Inteligência

Na avaliação de uma fonte da Polícia Federal, o evento foi bem

planejado, difícil de evitar em qualquer lugar. “Mas perderam o medo de fazer em público. Deve gerar alguma reação do governo”, destacou a fonte, comparando o atentado com homicídios parecidos com os executados por cartéis mexicanos.

De acordo com Marlos Valle,

diretor de Assuntos Sindicais do Sindicato dos Policiais Cíveis do Distrito Federal (Simpol-DF), a execução em Guarulhos “é um exemplo trágico da escalada de violência promovida pelo crime organizado”. “Episódios como este expõem o destemor de facções que atuam à margem da lei,

colocando em risco a segurança de cidadãos em locais de grande circulação. Para combater essas ameaças, é crucial que se priorize o fortalecimento das investigações e da inteligência policial, ao invés de focar apenas na ação ostensiva”, alertou.

Na avaliação do especialista, desarticular o tráfico de drogas, o comércio de armas e o financiamento dessas organizações exige uma atuação investigativa coordenada e eficiente. “Isso deve envolver desde delegacias de bairro até unidades especializadas. Sem conhecer o inimigo, é impossível combatê-lo. E isso só é possível coibindo desde pequenas gangues regionais até as facções transnacionais, integrando o trabalho das polícias civis com a Polícia Federal.”

Nesse contexto, segundo Valle, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Segurança deve fortalecer esses pilares, “garantindo que as polícias judiciárias tenham as ferramentas necessárias para investigar e desmontar redes criminosas”. “Somente com uma estratégia investigativa consistente é possível garantir a segurança da população e coibir o avanço do crime organizado”, acrescentou.

O Aeroporto Internacional de São Paulo é o maior terminal aéreo brasileiro, registrando uma média de 123 mil viajantes por dia em agosto, segundo a GRU.

## DESIGUALDADE

## Número de favelas dobra no país e chega a 12 mil áreas

» FERNANDA STRICKLAND

Estudo sobre Favelas e Comunidades Urbanas, baseado nos dados do Censo 2022, revela um cenário crescente e preocupante: atualmente, 8,1% da população brasileira reside em áreas consideradas favelas, representando um aumento significativo em relação a 2010, quando 6% da população vivia nessas condições. Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa mostra que a Rocinha, localizada na zona sul do Rio de Janeiro, se destaca como a favela mais populosa do país, com 72.021 habitantes e 30.371 domicílios. Logo atrás está Sol Nascente, no Distrito Federal, com 70.908 moradores e 21.889 domicílios. Na terceira posição, Paraisópolis, em São Paulo (SP), abriga 58.527 pessoas. O aumento da população nessas comunidades se reflete também na expansão do número total de favelas e comunidades urbanas identificadas pelo Censo. Em 2010, foram registradas 6.329 dessas áreas; já em 2022, esse número praticamente dobrou, chegando a 12.348. Juntas, essas comunidades abrigam hoje mais de 16,3 milhões de brasileiros.

O levantamento do IBGE também aponta para desigualdades regionais e características demográficas específicas nas favelas brasileiras. Entre as 20 maiores comunidades do país, oito estão na Região Norte, sendo sete em Manaus (AM), indicando uma alta concentração na Amazônia, onde cerca de 34,7% da população do Amazonas vive em áreas de favela — a maior proporção entre os estados brasileiros. Em seguida, o Amapá tem 24,4% da população vivendo em favelas, e o Pará, 18,8%.

Outro dado importante é o perfil etário. A população das favelas é mais jovem que a média nacional, com idade mediana de 30 anos, enquanto no país é de 35. Além disso, o índice de envelhecimento é consideravelmente menor nessas comunidades. Enquanto o Brasil possui 80 idosos para cada 100 crianças, nas favelas, essa proporção é de 45 idosos para cada 100 crianças.

Em relação à diversidade

MAURO PIMENTEL



Favela da Rocinha, no Rio: a maior do Brasil, com 72 mil habitantes

racial, os dados mostram uma maior representatividade de pardos (56,8%) e pretos (16,1%) nas favelas em comparação ao total nacional, onde esses grupos representam, respectivamente, 45,3% e 10,2% da população. A proporção de pessoas brancas nas favelas (26,6%) é bem inferior ao índice nacional, de 43,5%.

O economista e sociólogo Vinícius do Carmo lista três fatores para entender por que isso ocorre, mas todos três derivam de um primeiro: histórico escravagista brasileiro. “Primeiro, o Brasil tem uma longa história de desigualdade racial. A população negra continua a enfrentar discriminação e barreiras a educação, emprego e moradia digna. Isso alimenta e resulta em uma maior concentração de pessoas negras em áreas de vulnerabilidade, como as favelas”, descreve.

“Segundo, a juventude é uma faixa etária que frequentemente enfrenta desafios significativos em termos de emprego e acesso a serviços. Com as barreiras à entrada no mercado formal, a formação de famílias jovens acaba tendo como alternativas a vida nas favelas e comunidades urbanas”, pontua Vinícius do Carmo. “E, por fim, as favelas e comunidades urbanas também são espaços onde se desenvolvem identidades culturais e sociais específicas. A convivência em comunidades predominantemente

negras e jovens pode reforçar laços sociais, mas também perpetuar ciclos de pobreza e exclusão”, aponta.

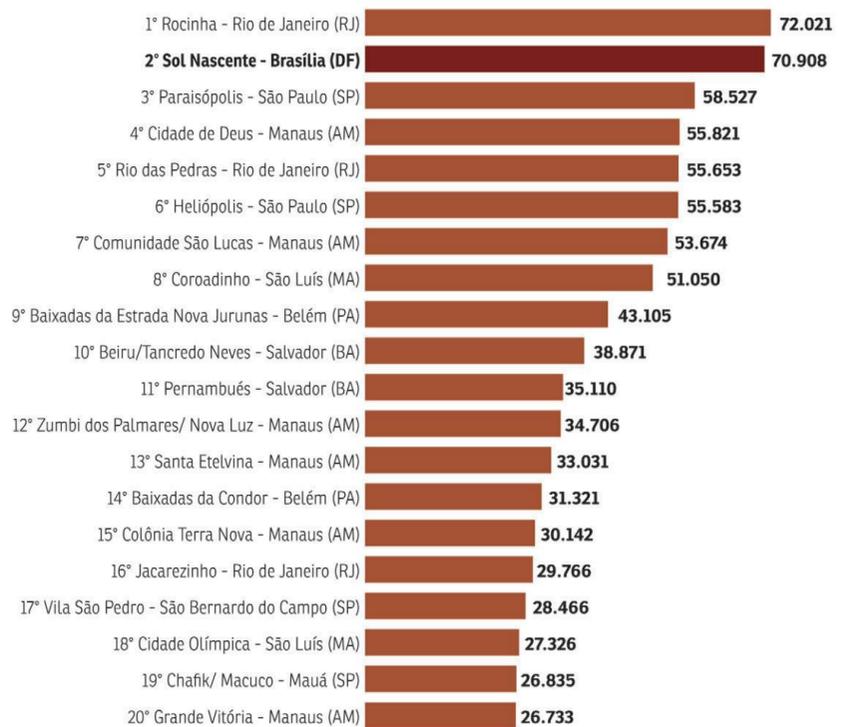
## Infraestrutura

Outro ponto abordado pela pesquisa são as condições de infraestrutura e acesso a serviços essenciais. O levantamento indica a presença de 958.251 estabelecimentos nas favelas, dos quais 7.896 são de ensino, 2.792 de saúde e impressionantes 50.934 estabelecimentos religiosos.

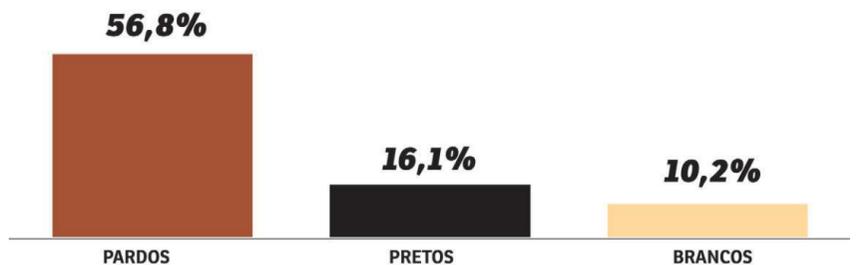
As disparidades no acesso a serviços básicos reforçam a importância de políticas públicas voltadas para melhorar as condições de vida dessas populações, que convivem diariamente com desafios econômicos, sociais e de segurança.

Entre outras conclusões, o estudo do IBGE sustenta que a ampliação das favelas e a crescente presença de jovens nesses territórios refletem a necessidade urgente de soluções que vão além da regularização fundiária. As favelas, historicamente marginalizadas, abrigam uma parcela crescente da população urbana e exigem políticas que integrem essas regiões à dinâmica das cidades, promovendo mais oportunidades e acesso aos direitos básicos.

Leia mais sobre favelas na página 13.



## PROPORÇÃO DE PESSOAS QUE SE DECLARAM PRETAS OU PARDAS



Fonte: IBGE